

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO VII SIMPÓSIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UFPA CAMPUS CASTANHAL

Inclusão, desenvolvimento socioambiental e produção de conhecimento na Amazônia

05 A 07
NOVEMBRO
2024



UFPA
CASTANHAL



II SINEPEX
VII SIEPEX

Apoio:

PROEX
Pró-Reitoria de Extensão | UFPA

PROEG
Pró-Reitoria de Ensino
e Pós-Graduação | UFPA

PROPESP
Pró-Reitoria de Pesquisa
e Pós-Graduação | UFPA

ESPOROTRICOSE EM FELINO NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL, PARÁ: Relato de caso

FELINE SPOROTRICHOSIS IN THE CITY OF CASTANHAL, PARÁ: A case report

ESPOROTRICOSIS EN UN FELINO EN EL MUNICIPIO DE CASTANHAL, PARÁ: Reporte de caso

Thyele Chaves da Silva¹

Analiel Serruya²

Wellinton Paulo dos Santos Cunha³

Roberta Pampolha Athayde⁴

Ana Paula Presley Oliveira Sampaio⁵

Mayra Coelho Gripp⁶

Mariana de Oliveira Melo⁷

Ediene Moura Jorge⁸

PALAVRAS-CHAVE: *Sporothrix* spp. Zoonose. Micose.

¹ Graduanda do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Pará,
thyelessilva@gmail.com

² Graduanda do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Pará,
analielserruya.as@gmail.com

³ Graduando do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Pará,
wellitompaulo@hotmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Pará,
robertapamathayde@gmail.com

⁵ Graduanda do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Pará,
anapaulasampaio@hotmail.com

⁶ Graduanda do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Pará,
grippmayra@gmail.com

⁷ Graduanda do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Pará,
moliveiramelo16@gmail.com

⁸ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Animal da Amazônia da
Universidade Federal do Pará, edienemoura2@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea causada por fungos dimórficos do gênero *Sporothrix*, sendo *S. brasiliensis* a espécie mais associada aos casos da doença no Brasil (Ramírez-Soto *et al.*, 2018; Lopes-Bezerra *et al.*, 2018). Por anos, essa condição foi reconhecida como a "doença dos jardineiros", comum entre jardineiros, agricultores e trabalhadores florestais (Gonçalves *et al.*, 2019). A enfermidade é adquirida principalmente pela inoculação traumática do agente na pele, e a transmissão entre gatos ocorre por meio de mordidas, arranhões ou contato com o exsudato de lesões cutâneas de animais doentes (Rodrigues *et al.*, 2022).

As lesões características constituem de aspecto ulcerativo predominantemente localizadas na cabeça, região torácica e extremidades. Elas podem se manifestar de maneira isolada ou múltipla, caracterizando a forma clínica cutânea da doença (Alvarez *et al.*, 2022).

Conforme descrito por Pereira *et al.* (2011), o diagnóstico definitivo é obtido pelo isolamento do *Sporothrix* spp. através de cultura fúngica. No entanto, a citologia pode ser utilizada como um método rápido, direto e mais econômico quando a cultura não é viável.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Alvarez *et al.* (2022), no Brasil a esporotricose figura como uma doença emergente e negligenciada, o que dificulta a determinação de fatores de risco e grupos vulneráveis. Esse contexto contribuiu para a disseminação da esporotricose, presente em 25 estados brasileiros. No período de 2001 a 2016, a enfermidade foi considerada epidêmica por Gremião *et al.* (2017) após identificação de casos na região Sul e Sudeste. Diante do limitado conhecimento científico sobre a esporotricose no Pará, o presente relato visa descrever um caso clínico de esporotricose felina, ressaltando a ocorrência dessa enfermidade pouco documentada no estado.

RELATO DE CASO

O paciente em questão era um felino, macho, sem raça definida, não castrado, de aproximadamente três anos de idade, que residia de forma peridomiciliar no município de Castanhal, Pará. O animal, alimentado por uma moradora do bairro, foi levado para atendimento veterinário devido a feridas na pele e estado de debilidade.

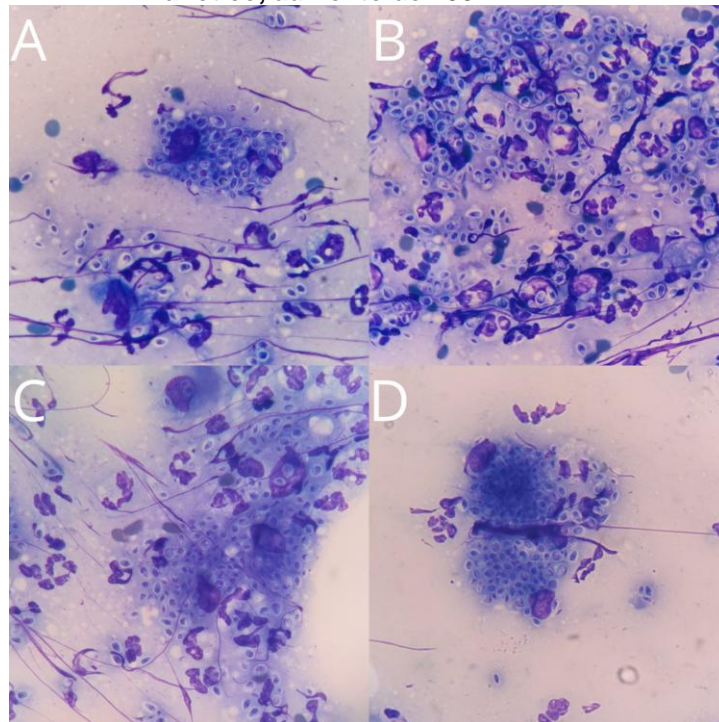
Ao exame clínico, apresentava lesões cutâneas localizadas no nariz, orelhas e região torácica (Figura 1). Foi realizada a técnica de impressão (imprint) nas lesões, onde identificou-se estruturas compatíveis com as leveduras *Sporothrix* spp. (Figura 2). O tratamento indicado foi a administração de itraconazol na dosagem de 25 mg, SID, por um período de 90 dias. Contudo, a tutora relatou que as doses foram administradas em intervalos não consecutivos, uma vez que se tratava de um animal errante, resultando na administração efetiva de 28 doses ao longo de aproximadamente 32 dias.

Figura 1: Felino SRD, 3 anos, macho, com lesões ulceradas na face, Castanhal/PA.



Fonte: Os autores, 2024.

Figura 2: Citologia direta das lesões de um felino em Castanhal, Pará, evidenciando células leveduriformes e ovaladas compatíveis com *Sporothrix* spp. Corado com Panótico, aumento de 100x.



Fonte: Os autores, 2024.

Apesar da terapia instituída, a condição clínica do paciente não apresentou melhora significativa (Figura 3). As lesões persistiram e se agravaram, sendo relatado pela tutora que o animal constantemente estava exposto a agressões de outros felinos errantes. Diante disso, foi optado pela eutanásia do animal.

Figura 3: Felino SRD, 3 anos, macho, não responsivo após 28 dias de tratamento com itraconazol.



Fonte: Os autores, 2024.

DISCUSSÃO

No Brasil, a esporotricose é endêmica nas regiões Sul e Sudeste há vários anos, sendo relatada pela primeira vez em 1998 (Barros *et al.*, 2010). No Pará, a notificação compulsória iniciou a partir de 2020 e, apesar de poucos relatos documentados na região (Amaral *et al.*, 2023; Macedo & Machado, 2022; Caldas, 2019), a identificação em cidades como Castanhal reforça a hipótese de que a esporotricose pode estar subnotificada na região.

A presença de gatos errantes e as condições ambientais favoráveis, como temperaturas elevadas e alta umidade, características comuns da região Amazônica, podem estar contribuindo para a disseminação do fungo (Caldas, 2019; Ramírez-Soto *et al.*, 2018). O que pode explicar a ocorrência do caso no município de Castanhal, Pará.

A esporotricose em felinos é associada a comportamentos de briga entre machos, o que aumenta o risco de contágio (Macedo & Machado, 2022; Sanchotene *et al.*, 2015). No presente relato, essa condição foi observada, uma vez que o gato frequentemente se envolvia em brigas com outros felinos errantes, além de receber cuidados irregulares por ser um animal peridomiciliar. As características do felino descrito no estudo — macho, sem raça definida, não castrado e com acesso à rua — estão alinhadas com os fatores de risco já conhecidos para a disseminação do *Sporothrix* spp., conforme mencionado por Gonçalves *et al.* (2019).

O tratamento com itraconazol, embora recomendado para esporotricose, não foi eficaz neste caso, possivelmente devido à administração irregular, agravando o quadro clínico. Gremião *et al.* (2015) indicam também que, em gatos com esporotricose e lesões graves no nariz, atingindo mucosas, cartilagens e ossos, o tratamento antifúngico falha em controlar a proliferação fúngica, sugerindo que a gravidade dessas lesões dificulta a cicatrização. Além disso, a exposição de um gato fonte de infecção para outros animais e até mesmo seres humanos, representavam um risco à saúde pública, culminando na decisão de eutanásia.

CONCLUSÃO

Este trabalho relata um caso de esporotricose felina em Castanhal, contribuindo com novos dados sobre a ocorrência da doença no Pará, onde ainda é pouco documentada. O registro desses casos é relevante para compreender a situação epidemiológica na região.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, C. M. *et al.* Sporotrichosis: A Review of a Neglected Disease in the Last 50 Years in Brazil. **Microorganisms**, v. 10, n. 11, p. 2152–2152, 30 out. 2022.

AMARAL, V. D. C. *et al.* Diagnóstico de Esporotricose Felina em Belém Do Pará - Relato de Caso. In: **XLVII SEMAVET**, 2023, Belém/PA. Disponível em: <<https://doity.com.br/anais/semavet-1/trabalho/331417>>. Acesso em: 23 set. 202.

BARROS, M. B. L. *et al.* Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Rev Panam Salud Publ**, v. 27, p. 455-60, 2010.

CALDAS, J. A. **Avaliação do controle populacional de cães e gatos realizado pelo Projeto Vida Digna na Região Metropolitana de Belém no Ano de 2018**. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém/PA, 2019.

GONÇALVES, J. C. *et al.* Esporotricose, o gato e a comunidade. **Enciclopédia Biosfera**, v. 16, n. 29, p. 769-787, 2019.

GREMIÃO, I. D. F. *et al.* Feline sporothricosis: epidemiological and clinical aspects. **Medical Mycology**, v. 53, n.1, p. 15-21, 2015.

GREMIÃO, I. D. F. *et al.* Zoonotic Epidemic of Sporotrichosis: Cat to Human Transmission. **PLOS Pathogens**, v. 13, n. 1, p. e1006077, 19 jan. 2017.

LOPES-BEZERRA, L. M. *et al.* Sporotrichosis between 1898 and 2017: The evolution of knowledge on a changeable disease and on emerging etiological agents. **Medical Mycology**, v. 56, n. suppl_1, p. S126–S143, 10 mar. 2018.

MACHADO, C. A. F; MACEDO, A. C. O. **Ocorrência de *Sporothrix* spp em felinos domésticos em Belém-Pará**. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém/PA, 2022.

PEREIRA, S. A. *et al.* Sensitivity of cytopathological examination in the diagnosis of feline sporotrichosis. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 13, n. 4, 2011.

RAMÍREZ-SOTO, M. C. *et al.* Ecological Determinants of Sporotrichosis Etiological Agents. **Journal of Fungi**, v. 4, n. 3, p. 95–95, 12 ago. 2018.

RODRIGUES, A. M. *et al.* Current Progress on Epidemiology, Diagnosis, and Treatment of Sporotrichosis and Their Future Trends. **Journal of Fungi**, v. 8, n. 8, p. 776–776, 26 jul. 2022.

SANCHOTENE, K. O. *et al.* *Sporothrix brasiliensis* outbreaks and the rapid emergence of feline sporotrichosis. **Mycoses**, v. 58, n. 11, p. 652–658, 25 set. 2015.

SILVA, B. *et al.* First report of fungal *Sporothrix schenckii* complex isolation from feline with possible zoonotic transmission in the city of Belém, Pará, Brazil: Case report. **Research Society and Development**, v. 11, n. 2, 2022.